

**ENSINO E PESQUISA:
REFLETINDO SOBRE A
FORMAÇÃO PROFISSIONAL
EM GEOGRAFIA PAUTADA
NO DESENVOLVIMENTO DA
COMPETÊNCIA
INVESTIGATIVA**

*TEACHING AND RESEARCH:
REFLECTING UPON PROFESSIONAL
FORMATION IN GEOGRAPHY
GUIDED BY THE DEVELOPMENT OF
AN INVESTIGATIVE COMPETENCE*

*ENSEÑANZA E INVESTIGACIÓN:
REFLEXIONANDO SOBRE LA
FORMACIÓN DEL PROFESIONAL EN
GEOGRAFÍA CON BASE EN EL
DESARROLLO DE LA COMPETENCIA
INVESTIGATIVA*

ANA MARIA RADAELLI DA SILVA
radaelli@upf.br

JUÇARA SPINELLI
spinelli@upf.br

ICEG/Universidade de Passo
Fundo - UPF

Resumo: O propósito deste texto é socializar reflexões sobre a experiência que vem sendo construída em decorrência dos procedimentos adotados nas disciplinas de Metodologia da Pesquisa e Seminários de Pesquisa em Geografia da Universidade de Passo Fundo - UPF, bem como levantar idéias que possam subsidiar o debate acerca da iniciação científica, via de regra, demarcada pela elaboração de trabalhos de conclusão de curso no ensino superior. Para tal, apresentam-se, inicialmente, referências teóricas que orientam a metodologia da pesquisa e discute-se o *ensinar a pesquisar*; posteriormente, destaca-se como vem sendo trabalhado o ensino na direção da iniciação investigativa, demonstrando-se o processo construído ao longo do Curso, na UPF e, ao final, analisa-se a articulação dos trabalhos elaborados a partir dessas disciplinas, tanto ao currículo acadêmico quanto à consolidação das linhas de pesquisa do Curso.

Palavras-chave: Ensino e pesquisa; Metodologia da pesquisa; Curso de Geografia – UPF; Modalidade licenciatura; Modalidade bacharelado.

Abstract: The purpose of this study is to socialize the reflections about the experience which is being built in consequence to the procedures adopted in the disciplines of Research Methodology and Seminars of Research in Geography of the University of Passo Fundo, UPF, as well as to raise ideas which can subsidize the debate regarding scientific initiation, as a rule, determined by the elaboration of final projects in graduation courses. Therefore, at first, we present theoretical references that direct the research methodology and we discuss the *teaching to research*. Subsequently, we highlight how the teaching in the direction of the investigative initiation has been worked, demonstrating the process built throughout the course, at UPF and, finally, we analyze the articulation of developed studies from these subjects in the academic curriculum as well as in the consolidation of research lines of the course.

Keywords: Teaching and research-UPF; Research methodology; Geography course; Degree; Bachelors degree.

Resumen: El objetivo de este trabajo es socializar la experiencia que se ha venido construyendo como resultado de los procedimientos adoptados en las disciplinas de Metodología de la Investigación y Seminarios de Investigación en Geografía, en la Universidad de Passo Fundo (UPF), así como plantear ideas que permitan encauzar el debate sobre la iniciación científica, por lo general, delimitada por la elaboración de trabajos de final de carrera en la enseñanza de nivel superior. Para ello, se presentan inicialmente referencias teóricas que orientan la metodología de la investigación y se discute el *enseñar a investigar*, posteriormente, se destaca cómo se ha venido trabajando la enseñanza en la dirección de la iniciación investigativa, y se demuestra el proceso construido a lo largo de la carrera, en la UPF. Para terminar, se analiza la articulación de los trabajos elaborados a partir de esas disciplinas, tanto al currículo académico como a la consolidación de las líneas de investigación de la carrera.

Palabras clave: Enseñanza e investigación; Metodología de la investigación; Carrera de Geografía – UPF; Modalidad licenciatura; Modalidad bachillerato.

Introdução

Do pressuposto de que pesquisar é um imperativo para os profissionais de educação, bem como uma atividade implícita e explícita a todo o processo de formação, decorre o interesse de iniciar um debate acerca dos procedimentos adotados no processo de ensino da iniciação à pesquisa em Geografia. Assim, o presente trabalho objetiva socializar reflexões sobre o trabalho que se realiza nas disciplinas de Metodologia da Pesquisa, Seminários de Pesquisa em Geografia I, II e III e Trabalho de Conclusão de Curso, bem como possibilitar um debate acerca da iniciação científica, via de regra, demarcada pela elaboração de projetos cujos referenciais e levantamentos tornam-se trabalhos finais de curso no ensino superior. Para tal, apresenta-se o caso do Curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo - UPF, o qual congrega as modalidades licenciatura e bacharelado, tendo sido avaliado e recomendado pelo Ministério de Educação em 2006.

As reflexões que norteiam a questão *ensinar a pesquisar*, apresentam-se, inicialmente, pela exposição de um breve quadro referencial teórico que aborda metodologias de pesquisa e discute o *ensinar a pesquisar*. Nesse horizonte, denotam-se os desafios de mobilizar os acadêmicos para a elaboração de projetos de pesquisa de uma área que atende ao processo formativo em nível de licenciatura e/ou bacharelado, desenvolvendo habilidades de pesquisar e “questionar” o conhecimento. Esses desafios têm, por um lado, a preocupação de tornar os acadêmicos aptos para incorporar permanentemente o desenvolvimento científico e tecnológico, tanto como uma prática inerente ao processo de formação, quanto à própria prática profissional. Por outro lado, buscar apoio do uso da pesquisa no ensino tem sido o principal viés dado ao Curso no âmbito da licenciatura e, no âmbito do bacharelado, a investigação em temas emergentes e/ou recorrentes tem sido uma prática, em especial nos estágios curriculares e/ou profissionalizantes.

Socializar como vem sendo trabalhado o ensino na direção da iniciação investigativa, demonstrando-se o processo construtivo ao longo do Curso de Geografia da UPF compreende o segundo tópico do presente artigo. Sua relevância está calcada no fortalecimento buscado, ao longo do currículo do Curso, em pedagogicamente permitir avanços nos diversos campos que compõem o conhecimento geográfico de forma a promover: a) leituras de temas específicos, b) captura de informações por meio de recursos tradicionais ou eletrônicos, c) análises geoespaciais, d) utilização de recursos cartográficos e geotecnologias aplicadas ou aplicáveis ao campo de pesquisa e como instrumentos essenciais ao ensino e à pesquisa em Geografia, e) seminários por linhas de pesquisa, entre outros.

A criação e a consolidação das linhas de pesquisa, no Curso, vêm sendo promovidas, de um lado, pela execução de projetos institucionais e interinstitucionais por parte dos docentes do Curso e de áreas afins, com participação de alunos bolsistas e, de outro, por trabalhos construídos nas diversas disciplinas. As linhas de pesquisa, até o momento consolidadas, intitulam-se: Relação Sociedade-Natureza e Impactos Ambientais, Processo

de Transformações Territoriais no Rio Grande do Sul, Processos de Desenvolvimento Regional, bem como, Geografia, Ciência e Ensino. Destaca-se que as iniciativas para a consolidação dessas linhas de pesquisa, embora constantes, cuja participação dos acadêmicos tem sido considerada de fundamental importância, têm se revelado como um desafio aos discentes em formação investigativa, quer pela responsabilidade que acaba sendo *imposta* ao sentirem a necessidade de *enquadrar* seu projeto em uma dessas linhas, quer pela necessidade dos docentes orientadores, em alguns momentos, de acabarem *transitando* por linhas de pesquisa distintas de seus projetos institucionalizados. Estas e outras inquietações são debatidas no terceiro tópico do artigo, junto à socialização do resultado de experiências de ensino na pesquisa geográfica.

Ensinar a pesquisar: desafios e considerações iniciais

Dentre as inúmeras preocupações que permeiam o *ensinar a pesquisar*, a experiência docente junto ao Curso de Geografia da UPF tem salientado, em primeiro lugar, a dificuldade que os alunos têm em definir a temática a ser investigada e elaborar o próprio projeto e, em segundo lugar, o método e a(s) técnica(s) de pesquisa a serem perseguidas na execução do projeto.

Com relação ao primeiro ponto, ao longo das vezes em que a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Geografia foi ministrada, foi sendo aperfeiçoado o processo de integração interdisciplinar, ou seja, foi sendo incentivado que os professores das diversas disciplinas ilustrassem suas aulas com projetos e pesquisas em andamento ou já realizadas em sua área de atuação, apresentando resultados parciais e/ou finais. Com isso, observou-se o despertar do interesse por realizar trabalhos semelhantes e novas possibilidades nas temáticas em questão por parte dos alunos e, na medida em que as disciplinas ocorrem, fortalece-se a atenção para possíveis avanços no conhecimento nos diversos campos da Geografia. Quanto à elaboração dos projetos de pesquisa, definidas as temáticas, adotou-se o critério de perseguir uma orientação normativa instituída pela própria Universidade¹, seguindo um roteiro norteador para projetos e trabalhos científicos e o procedimento de metodologia científica conforme as normativas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

Cumpridas as etapas anteriores, de definição da temática e da elaboração do corpo básico-estrutural do projeto, o desafio subsequente refere-se ao método científico e as técnicas de pesquisa a serem adotados. Na prática pedagógica, esse desafio torna-se mais contundente, tendo em vista que, por se constituir em um momento de iniciação à pesquisa, os próprios conceitos de ciência, de metodologia e de conhecimento ainda precisam ser compreendidos ou retrabalhados. Nesse contexto, compartilham-se as considerações de

¹ São orientações que compõem a obra de RAUBER, J. J. e SOARES, M. Apresentação de Trabalhos Científicos: Normas e Orientações Práticas, EDUPF.

Gerardi e Silva (1981, p.3) quando tratam das perspectivas para trabalhar a metodologia científica e a pesquisa em Geografia:

Entendemos por ciência um *método de estudo*, ou seja, um processo no qual se constrói, passo a passo, um modelo da realidade, supervisionado e manejável. Esta realidade pode envolver somente fenômenos naturais ou humanos, ou ainda, uma combinação dos dois.

O estabelecimento do método científico de estudo, portanto, é considerado tão fundamental quanto a escolha da temática e a elaboração estrutural do projeto de pesquisa, até porque a ciência ressalta-se como um produto do conhecimento científico. Assim, dentre os diversos conceitos de método científico, adotou-se, para efeitos deste artigo, o de Abbagnano (1970, p. 640) para o qual se trata de um “procedimento de investigação ordenado, repetível e auto-corrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos”.

De uma maneira geral, em Geografia trabalha-se mais comumente com um dos três métodos científicos: o indutivo, o dedutivo e o dialético. Esses métodos são apresentados e debatidos desde o primeiro nível do Curso, nas disciplinas de Introdução à Filosofia da Ciência e Iniciação ao Estudo Acadêmico e vão sendo retrabalhados nos semestres posteriores, em disciplinas afins.

O método indutivo preconiza que a investigação parta de questões particulares até chegar a conclusões generalizadas ou universais, ou seja, dos fatos às leis. Segundo Lakatos e Marconi (1990, p. 85) “o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se baseiam”.

O método dedutivo é aquele que procede do geral para o particular, do princípio para a consequência, percorrendo níveis de abstração da observação de um fenômeno geral, buscando particularizá-lo, o que pressupõe uma operação mental em busca da conclusão. Inicialmente, o raciocínio dedutivo foi desenvolvido por Aristóteles (384-322 a.C.) na Antiguidade Clássica, também denominado silogismo, um raciocínio dedutivo formal, e foi revigorado por Descartes (1596-1650) em um momento de busca da construção de uma *nova ciência*, através da adoção de uma atitude de dúvida metódica e do racionalismo, tomando o conhecimento procedente de uma verdade *a priori* (1969).

O método dialético foi sendo estabelecido com base nas leis da dialética, um procedimento que supõe a prática do diálogo. No início do século XIX, Friedrich Hegel (1770-1831) apresenta a dialética como um movimento histórico do espírito em direção à autoconsciência e, portanto, um processo movido pela contradição. Karl Marx (1818-1883) e Friederich Engels (1820-1895) aceitam, mas reformam o conceito hegeliano de dialética, utilizando a mesma forma, mas introduzindo um novo conteúdo. Essa nova dialética é chamada de materialista e analisa o tempo histórico sob a ótica dos processos econômicos e sociais que ocorreram em dados períodos ou modos de produção.

Para a Geografia é um procedimento que enriquece o estudo dos fenômenos, uma vez que pressupõe que eles sejam analisados levando em conta o seu dinamismo, revelando-

os no contexto em que ocorrem, explicando-os como um *movimento* e apresentando suas contradições.

Abordados os métodos, parte-se para as técnicas de pesquisa, via de regra, trabalhadas no âmbito dos tipos de pesquisa, ou seja, da pesquisa bibliográfica, da pesquisa qualitativa e da pesquisa quantitativa.

A pesquisa bibliográfica, de cunho teórico, tem o intuito de ser “dedicada a reconstruir teoria, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos” (DEMO, 2000, p. 20). Embora não implique em imediata intervenção na realidade, a pesquisa teórica não deixa de ser importante, pois seu papel é decisivo na criação de condições para a intervenção. Nas palavras de Demo, “o conhecimento teórico adequado acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho lógico, argumentação diversificada, capacidade explicativa” (1994, p. 36). Em termos de técnicas, a pesquisa bibliográfica é feita a partir de documentos tais como livros, periódicos, livros virtuais, cd-rom, internet, revistas, jornais, entre outros.

A pesquisa qualitativa diz respeito ao estudo de temas no seu cenário natural, buscando interpretá-los em termos do seu significado assumido pelos indivíduos; para isso, usa uma abordagem holística, que preserva a complexidade do comportamento humano (GREENHALGH e TAYLOR, 1997). As principais técnicas utilizadas em pesquisas qualitativas são realizadas através de diários de campo, observação participante, entrevista individual (formais, informais, estruturadas, não-estruturadas), entrevista familiar, entrevista em grupo, etc. Para a realização de tais procedimentos, utilizam-se instrumentos como imagens: vídeo, fotografias, coleta de narrativas e histórias de vida, análise de material escrito/impresso, entre os diversos recursos.

A pesquisa quantitativa é um método de pesquisa que utiliza técnicas estatísticas. Normalmente implica a construção de inquéritos por questionário e elaboração de bancos de dados e informações geográficas. Dada a complexidade dos fenômenos geográficos, normalmente, é realizada através de técnicas de amostragem.

Aliado ao processo pedagógico de âmbito teórico, *ensinar a pesquisar* induz, também, a um conjunto de procedimentos de ordem prática. Proporcionar a concretização da relação teoria-prática no (re)conhecimento de temas pertinentes a serem investigados revela-se como mais um desafio no campo do *fazer* geográfico, que coloca em confronto, para os acadêmicos, o contato da realidade apreendida pela leitura com o contato com a realidade vivida na execução da pesquisa. Esses procedimentos são expressos no item seguinte com base no plano pedagógico do Curso de Geografia da UPF.

A pesquisa na Universidade de Passo Fundo e no Curso de Geografia

A Universidade de Passo Fundo é uma instituição comunitária e, por seu caráter, considerada de ensino público não-estatal. Esse caráter induz que a convergência entre as três funções básicas da universidade, ensino-pesquisa-extensão, é o indiscutível caminho

para a qualificação institucional bem como para o fortalecimento da formação acadêmica enquanto compromisso com a produção e socialização do saber.

Em que pese a obviedade dessa idéia, por inúmeras questões que vão da capacitação dos profissionais ao desempenho dos acadêmicos, permeadas pelas estratégias de gestão, vive-se uma realidade marcada pela permanência da desarticulação e fragmentação nocivas à qualificação do processo de formação profissional. Essa situação, não raro, é comum às instituições/entidades de ensino superior de cunho privado, cuja preocupação maior é a formação em caráter de urgência e até de emergência, garantindo a circulação de capital, entenda-se, de alunos, muitas vezes induzindo ao desrespeito a essa tríplice função. Nas instituições comunitárias, historicamente, essa tríplice função tem sido respeitada, muito embora a concorrência gerada pela instalação de muitas entidades de ensino superior acabe, por vezes, ferindo o pleno funcionamento institucional.

Não é intenção desse texto, entretanto, questionar se a instituição está cumprindo suas determinações estatutárias de oferecer ensino, pesquisa e extensão para ser fiel ao perfil identitário que consta nos seus documentos ou se a gestão financeira/contábil se impõe no estabelecimento/manutenção das deploráveis fronteiras entre docência, pesquisa e extensão às demandas da comunidade.

Importa, na verdade, é ter consciência desse contexto restritivo, não como forma de desestímulo, mas de revigoração das intencionalidades expressas no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Geografia/2001² e, na medida das possibilidades, argumentar para o convencimento daqueles que não se renderam, ainda, à inquestionável relação entre ensino-pesquisa e ao reconhecimento de que ambos contribuem para a qualificação das práticas extensionistas.

Corroboram nesse sentido Damiani e Carlos (1999, p. 99), para as quais

A universidade, a nosso ver, se constrói, fundamentalmente, no cotidiano da pesquisa – sem a qual não há ensino comprometido com a formação do cidadão –, o que aponta o único caminho viável à produção/reprodução de um conhecimento crítico e original, que marca o sentido da universidade e dá substância ao trabalho acadêmico [...].

É uma idéia que contribui para a confirmação ou validação da proposta que baseia esse texto. Constituído por uma matriz curricular que compreende uma carga horária de 3.410 horas/aula teórico-práticas, distribuídas em oito semestres letivos, incluindo-se as atividades complementares (técnico-científico e culturais), o Curso de Geografia – Licenciatura e Bacharelado – da UPF apresenta uma estrutura curricular que incentiva atividades de ensino, pesquisa, extensão e relações comunitárias desde o primeiro nível. Os itens que seguem buscam elucidar tal situação em ambas as modalidades.

² Por conta do legalismo, decisões verticalizadas forçaram a separação das modalidades licenciatura e bacharelado, em 2005, permitindo a oferta de dois cursos, dos quais apenas a licenciatura se mantém. A última turma do Curso de Geografia – Licenciatura e Bacharelado ingressou em 2004.

A relação ensino-pesquisa na perspectiva da formação docente

O exercício do conhecimento é o caminho para a formação do cidadão. Na Geografia, o desafio é o conhecimento do mundo, da realidade e de suas contradições, o que exige um esforço para explicá-las, bem como para explicar as próprias relações com o mundo.

Para Carlos e Oliveira (1999, p. 141), “a pesquisa é ela própria um desafio e representa concretamente a possibilidade de descoberta de nossa condição no mundo”, enquanto um exercício livre, criativo, consciente em busca de respostas ao inquietante momento que se vive, no terreno dinâmico do acontecer, das criações e das transformações que conformam o mundo atual.

Na formação profissional em Geografia, diante das imensas possibilidades que seu objeto, o espaço geográfico, oferece para investigação, é inequívoca a necessidade de serem desenvolvidas as bases teóricas e metodológicas que conduzam a uma conceituação sólida da ciência e da respectiva instrumentalização para a sua prática.

Especificamente no que diz respeito à formação para a prática docente, defende-se a idéia do fortalecimento da base científica e filosófica da Geografia como possibilidade de conferir ao ensino um caráter crítico e criativo, capaz de problematizar e propor soluções para as questões do conteúdo teórico e da respectiva dimensão social que se revela no espaço vivencial. Para tanto, essa formação deve ser sustentada pela pesquisa, uma vez que o espaço precisa ser discutido, pensado.

A categoria central da dialética marxista, a *práxis*, é referência epistemológica da discussão sobre a construção do conhecimento na perspectiva da superação da dicotomia entre teoria e prática que a pesquisa possibilita.

Gonçalves (1994, p. 477) esclarece que

A *práxis* concebida como pensamento e ação, atividade objetiva, transformadora do mundo natural e social, que consubstancia a criação, a produção e a transformação, sedimentadas na unidade entre saber e fazer, teoria e prática, ação e reflexão.

Em consonância com esta idéia, tem-se a preocupação de agregar ao desenvolvimento teórico das disciplinas de formação pedagógica, experiências que sejam avaliadas à luz da teoria, como fundamento de sua reelaboração, às quais são destinados créditos específicos na grade curricular do Curso.

Aqui fica evidente o compromisso de articular ensino e pesquisa, em qualquer nível (preservadas as suas dimensões) para instrumentalizar o aluno-professor no seu próprio processo investigativo/criativo, a fim de que incorpore a metodologia da transposição do saber acadêmico para o terreno da prática profissional.

O trabalho docente, impregnado de intencionalidade, visa à formação humana por meio de conteúdos e habilidades, de pensamento e ação, o que implica escolhas, valores,

compromissos éticos e que significa dizer, também, que o compromisso do professor é ensinar, é formar.

Trabalhar o conhecimento no processo formativo dos alunos significa proceder à mediação entre os significados do saber no mundo atual e aqueles dos contextos nos quais foram produzidos. Além de explicitar os nexos, significa contribuir com seu saber, seus valores, suas experiências para melhorar também a qualidade social da escolarização paralelamente ao compromisso com o seu desenvolvimento intelectual.

Argumenta-se que, na formação para a docência, a pesquisa seja estimulada e praticada como compromisso de construção das competências profissionais, visando o exercício docente pautado na mediação de investigações criativas tendo a afetividade e sensibilidade como propulsores da promoção, da mobilização, da motivação para a construção do conhecimento dos alunos.

Busca-se apoio na perspectiva de um ensino socioconstrutivista da Geografia para encaminhar as atividades que visem às respectivas competências. O lugar é a disciplina de Metodologia e Prática de Ensino que desenvolve os referenciais teóricos para esclarecer e sustentar as atividades práticas, em contato com a realidade escolar, entre as quais as que são dinamizadas pelos trabalhos de campo.

A concretização efetiva dessa relação, ensino-pesquisa, na formação profissional docente, é potencializada especialmente pelos TCCs que são propostos e desenvolvidos em torno da linha de pesquisa Geografia, Ciência e Ensino.

Em estudo anterior, Silva e Fioreze expressam que

Paralelamente ao domínio do conteúdo da ciência geográfica, como requisito primordial para desempenho do exercício da docência em Geografia, e paralelamente também ao suporte técnico, didático e pedagógico, é imprescindível que os cursos superiores de formação de professores proporcionem uma ampla e crítica visão epistemológica e histórica da mesma, para que o ensino da geografia seja também um ensino sobre a Geografia. (2000, p. 9-10)

Estas idéias justificam a definição da linha de pesquisa que abriga projetos de pesquisa do Curso bem como TCCs, uma das opções a que aderem alunos que têm mais afinidade com a habilitação licenciatura.

Os trabalhos que se têm orientado convergem para uma reflexão sobre Geografia enquanto ciência e enquanto disciplina escolar, cada qual com seus recortes temporais e temáticos.

Dessa reflexão decorrem análises sobre o estado da arte no ensino fundamental, ou no ensino médio; ou sobre o conteúdo dos livros didáticos em relação às orientações teórico-metodológicas da Geografia; ou sobre a abordagem didática de temas como os da Geopolítica; outros foram propostos e desenvolvidos com a finalidade de desvendar o papel educativo da Geografia em relação ao ambiente; outras incursões foram feitas no âmbito de propostas curriculares de escolas, de municípios da região, além daqueles que

elegeram a utilização de recursos, como o da música ou da literatura, para discutir as possibilidades do ensino renovado da Geografia.

Importa destacar uma significativa contribuição aos estudos de Geografia no Rio Grande do Sul, o trabalho “Boletim Gaúcho de Geografia: a produção do saber e da ciência geográfica na Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre”, de Eva Joelma Pires de Souza, orientada por Zélia Guareschi Fioreze, realizado no semestre 2005/2, cuja análise faz um mapeamento da produção geográfica da entidade agebeana no estado.

Importa dizer, também, que é um aprendizado pleno de significados para orientadores/orientandos, um desafio e uma possibilidade de desvendar as múltiplas realidades e, sobretudo, a tomada de consciência sobre elas e sobre as condições de enfrentamento.

A relação ensino-pesquisa na perspectiva da formação do bacharel em Geografia

Pelo que já foi exposto, fica claro que o Curso apresenta uma estrutura curricular que incentiva atividades de ensino, pesquisa, extensão e relações comunitárias em todos os seus semestres letivos, cujas atividades são consubstanciadas, em um primeiro momento, pelas disciplinas comuns às duas modalidades e que permitem uma iniciação ao conhecimento filosófico/científico/técnico/pedagógico. Em um segundo momento, pelos estágios curriculares do bacharelado, os quais compreendem cinco estágios de cunho acadêmico e dois estágios de cunho profissionalizante, o que vem a reforçar a idéia do exercício do conhecimento como um caminho para a formação cidadã, das realidades/diversidades e suas relações com o mundo.

Nessa perspectiva, desde o primeiro nível do Curso realizam-se atividades que envolvem o *ensinar a pesquisar*. No primeiro nível, o estágio curricular I é voltado à representação cartográfica, buscando congregiar as disciplinas específicas de Geografia, é confeccionada uma maquete do município, da região ou do estado. Esse procedimento exige do corpo discente, um empenho em pesquisar as características do local a ser representado. Vinculado à disciplina de Cartografia Básica e Temática, exploram-se referenciais de cartografia, além de conteúdos que elucidem os temas a serem lançados sobre o mapa-base proposto, sendo priorizado o rigor cartográfico, tendo, na representação cartográfica e na elaboração de um texto explicativo, o resultado de um processo investigativo que ocorre durante a disciplina.

No segundo nível, a pesquisa é incentivada no estágio curricular II, através do qual é realizado um trabalho de campo pelo Rio Grande do Sul. Para tal, novamente a pesquisa e o levantamento de dados, de informações e de materiais cartográficos é um processo fundamental que antecede o trabalho de observação e investigação acerca dos macrocompartimentos geomorfológicos do estado e de sua caracterização geográfica como um todo.

O trabalho de campo consiste, segundo Silva (2002), na prática *andante* de fazer

Geografia, ou seja, uma forma de aproximação da teoria com a prática e uma possibilidade de ação reflexiva na interface da teoria e da prática educacional. Assim, esse Estágio constitui-se num momento integrador, além de ser um núcleo estratégico fundamental para garantir que se efetive uma nova forma de profissionalização desde o início do Curso.

Os estágios curriculares III e IV, realizados nos respectivos níveis, congregam a prática de pesquisa em Geografia Física, através de atividades que permitem a iniciação investigativa em Geologia, Geomorfologia, Climatologia, Hidrografia e Biogeografia.

O Estágio Curricular III tem abrangência local, ou seja, desenvolve-se preferencialmente nas proximidades do *campus* central da Universidade, tendo como escala máxima, o município de Passo Fundo. Compreende as mais variadas metodologias de identificação dos elementos físicos, tais como componentes de uma bacia hidrográfica e seu comportamento, elementos climatológicos por interpretação de cartas sinóticas; tipos e constituição de rochas e de solos, entre outros. Nesse estágio, os alunos, realizam observações e coleta de informações geográficas, como medidas de áreas e superfícies, obtenção de coordenadas através de GPS (*Global Positioning System*), entre outras. O produto final constitui-se na elaboração do relatório técnico o qual é subsidiado pela pesquisa em fontes e materiais teóricos e balizado pelas análises resultantes do trabalho de campo.

Já o Estágio Curricular IV, que contempla atividades de Biogeografia é preferencialmente realizado em áreas de valor ambiental, sendo normalmente definidas áreas próximas do entorno da Universidade, e que possam servir de estudo nas referidas temáticas. O trabalho se constitui em um pequeno inventário que identifica e analisa os impactos socioambientais decorrentes de alterações no meio físico, em especial nas formações vegetais, via de regra, inerentes ao processo capitalista de produção agropecuária, tendo em vista que a região transformou-se, ao longo dos últimos anos, de típica de mata Araucária ou Floresta Ombrófila Mista - tendo ainda espécies como erva-mate, cedro, canela, angico, entre outras - para de produção extensiva da soja e do trigo. As pesquisas desenvolvidas nesse estágio revestem-se de um caráter interdisciplinar importante dentro do próprio Curso, bem como com áreas afins. Tal fato é denotado na análise crítica expressa nos relatórios técnicos que são igualmente subsidiados por um referencial teórico e por observações de campo.

No quinto nível, o estágio curricular V refere-se à prática de pesquisa em Geografia Humana e, como nos estágios anteriores, promove a iniciação científica em temas refletidos em relação à comunidade na qual se busca levantar dados quanto às variáveis socioeconômicas, através da aplicação de um instrumento de pesquisa (questionário e/ou entrevista), cujas informações sistematizadas e os dados coletados, são apresentados em tabelas, gráficos e cartogramas. Essa investigação possibilita concretizar a relação teoria-prática e desenvolve competências investigativas.

Nos níveis VI e VII são realizados os estágios profissionalizantes, em órgãos e/ou entidades públicas, privadas ou não governamentais. O primeiro refere-se à prática de

planejamento ambiental, sendo realizado no município de Passo Fundo e o segundo, de planejamento urbano e regional, realizado nos municípios de procedência dos alunos. Ambos constituem momentos de extrema importância para os acadêmicos do Curso, uma vez que é o contato mais direto com o campo profissional do bacharel, através do qual pode demonstrar o seu preparo no que concerne a um amplo conhecimento teórico que subsidie as atividades práticas e as iniciativas de gestão.

Por essa descrição sumarizada, acredita-se que o processo de iniciação científica ocorre de forma paulatina e concomitante ao desenvolvimento da grade curricular.

A convergência

Paralelamente à estrutura curricular para a promoção formativa de ambas as modalidades no mesmo Curso, buscou-se atribuir uma carga horária relativamente elevada, dada a consideração da relevância da pesquisa ao profissional de Geografia, em disciplinas específicas à iniciação científica. Nesse sentido, a partir do quinto nível é realizada a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Geografia, a qual, além das teorias e métodos em Geografia, trabalha especificamente as normativas e passos para a elaboração do projeto de pesquisa, o qual deverá constituir-se no Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (nível VIII). Após a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Geografia, seguem-se quatro disciplinas complementares: Seminário de Pesquisa I, Seminário de Pesquisa II, Trabalho de Conclusão de Curso e Seminário de Pesquisa III.

No Seminário de Pesquisa I são realizados ajustes no projeto, tanto nos aspectos teórico-conceituais, quanto nos de métodos e técnicas para a investigação. A finalização da disciplina é demarcada por um seminário geral com todos os professores envolvidos no Curso. Nesse momento, os projetos são apresentados pelos alunos e é aberto espaço para sugestões, recomendações e considerações por parte dos professores participantes do seminário. Também, nesse momento, é feita uma discussão no sentido de identificar os potenciais orientadores, sendo constituída uma ficha que formaliza o pedido de orientação à coordenação do Curso.

O Seminário de Pesquisa II concerne em um ensaio acerca da revisão da literatura do TCC. Na perspectiva de um ensaio, o produto final é um artigo teórico que compreenderá a base do referencial bibliográfico para o trabalho final.

A disciplina Trabalho de Conclusão de Curso refere-se à execução da pesquisa a partir do projeto confeccionado em Metodologia da Pesquisa e dos ajustes e referencial teórico produzidos nos seminários. Cabe salientar que como o Curso habilita para a licenciatura e o bacharelado, os TCCs podem ser específicos sobre ensino de Geografia, pesquisas aplicadas às atividades do geógrafo bacharel ou, ainda, contemplar temas que proporcionem avanços no conhecimento geográfico, quer no âmbito estritamente teórico, quer em procedimentos ou práticas que envolvam o saber geográfico. Todos os trabalhos devem ser inéditos e constituem-se em um banco de referências junto ao Laboratório de

Geografia. O processo avaliativo do TCC constitui-se de uma apresentação do trabalho pelo acadêmico a uma banca, com seção aberta ao público, composta pelo orientador e mais dois professores do Curso e/ou de áreas afins à temática em estudo. Após a explanação oral do aluno, a banca composta pelos professores tece considerações, realiza a arguição e elabora os pareceres avaliativos.

A disciplina de Seminário de Pesquisa III consiste na entrega da versão final do TCC e no debate de limitações, dificuldades e avanços no conhecimento e no processo formativos após a defesa do TCC. Em geral, é um momento em que o acadêmico manifesta suas inquietações e satisfações, revelando-se como de suma importância para avaliar o *ensinar a pesquisar* ao longo de todo o Curso realizado.

Para uma melhor visualização da pesquisa no Curso de Geografia da UPF, o quadro seguinte demonstra a matriz curricular, com especial destaque às disciplinas específicas voltadas ao ensino da pesquisa (Quadro 1).

SEMESTRE	DISCIPLINAS					
Nível I	Introdução à Filosofia da Ciência	Astronomia de Orientação	Estatística Aplicada à Geografia	Geografia Física I	Cartografia Básica e Temática	Iniciação ao Estudo Acadêmico
						Estágio Curricular I
Nível II	Antropologia Cultural	Climatologia Geral	História do Pensamento Geográfico	Geografia Física II	Sensoriamento Remoto Aplicado à Geografia	Estágio Curricular II
						Tópicos Especiais I
Nível III	Geografia da População	Domínios Climáticos do Mundo	Teoria e Organização do Espaço	Geografia Física III	Geoprocessamento	Estágio Curricular III
						Tópicos Especiais II
Nível IV	Sociologia	Biogeografia	Construção do Território	Ciência, Tecnologia e Sociedade	História Econômica e Formação	Estágio

Fonte: Adaptado do Plano Pedagógico do Curso de Geografia – Licenciatura e Bacharelado, 2001.

Socializando experiências de ensino na pesquisa

No Curso de Geografia da UPF, Licenciatura e Bacharelado, desde seu início, em 2001, foram produzidos, com aprovação, 73 Trabalhos de Conclusão de Curso. A primeira turma concluiu o curso no final de 2004 sendo que deste ano em diante, muitos alunos

formados têm contribuído com seus relatos de experiências acadêmicas e profissionais para a formação de novos acadêmicos, em jornadas de pesquisa e mostras de iniciação científica.

A construção/consolidação das linhas de pesquisa tem sido fortalecida pelos importantes trabalhos realizados por alunos do curso. Nessa perspectiva, 17 trabalhos, representando 23,3% dos TCCs concluídos, são da linha de pesquisa Relação Sociedade-Natureza e Impactos Ambientais. Por sua vez, a linha de pesquisa intitulada Processos de Transformações Territoriais no Rio Grande do Sul foi contemplada com a maioria dos trabalhos, ou seja, 47 trabalhos (64,3%). A esse respeito interpreta-se a interdisciplinaridade e a abrangência das linhas, o que permite a confecção de trabalhos de conclusão que articulem temas pertinentes à formação do profissional de Geografia, seja na especialidade licenciatura ou bacharelado. Por outro lado, apenas dois trabalhos, representando 2,8% inserem-se na linha de pesquisa Processos de Desenvolvimento Regional, evidenciando seu caráter ainda incipiente e que denota a necessidade de um maior envolvimento docente e discente em aperfeiçoar a articulação entre as três dimensões do macro projeto institucional que envolve ensino, pesquisa e extensão, na busca da consolidação da área. Por fim, sete trabalhos, representando 9,6%, inserem-se na linha de pesquisa Geografia, Ciência e Ensino, caracterizando o anseio de muitos acadêmicos em qualificar sua atuação na área específica da licenciatura, de forma a contribuir com o pensar e agir para a promoção da melhoria do ensino de Geografia em nível escolar, seja em instituições públicas ou privadas.

Importa ressaltar que a realização de trabalhos de conclusão de curso é uma prática consolidada no Curso de Geografia, também para a modalidade específica de licenciatura, anterior ao projeto em questão, como para a mesma modalidade que foi implantada em 2005.

Manifesta-se assim, a expectativa de promover a pesquisa como forma de qualificação das atividades docentes, desenvolvendo o gosto e as competências para serem realizadas, *também*, nas escolas.

Em estudo anteriormente realizado, Silva (2002, p. 237) faz referência à preocupação com a constatação de “uma certa obsolescência colada à desmotivação” que permeia entre profissionais docentes de Geografia, e que se traduz no fato de que

[...] é mais nítido um formalismo externo ao ato de ensinar do que a expressão objetiva do subjetivo de seus agentes, tanto do professor como do próprio aluno. Salvo situações especiais, uma aula verdadeiramente como um processo de investigação, construção e comunicação de conhecimento não existe na atual estrutura dos sistemas municipais e estadual de educação, nem é visível nas propostas das escolas e nos planejamentos dos professores.

A preocupação de incentivar a pesquisa em educação responde, justamente, ao apelo da situação verificada.

Ensinar a pesquisar: um desiderato que não se conclui aqui

A sumarização das idéias adjacentes ao desafio de *ensinar a pesquisar*, possibilitaram um exercício de auto-avaliação que vem a ser, também, uma questão de conscientização. A tomada de consciência, paralela e concomitante à reflexão realizada, permite dizer que o intento de provocar ações investigativas, de incentivar a imersão na realidade, de descobrir e sustentar “verdades”, de criar condições para fazer escolhas, é o nosso desiderato.

As autoras, ancoradas nas suas experiências, defendem que formar profissionais críticos e reflexivos pressupõe o desenvolvimento da competência investigativa.

Argumenta-se em favor do compromisso institucional de garantir o espaço da pesquisa no interior do Curso e de incentivar a inserção dos docentes para consolidar grupos de pesquisa e para promover novas investigações em cada uma das linhas de pesquisa como condição para o fortalecimento das investigações acadêmicas.

É imperativo dar relevância à articulação do trinômio ensino-pesquisa-extensão no processo formativo e no estímulo aos futuros profissionais para uma atuação engajada nos processos de renovação da Geografia. Um desiderato que continua...

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- CARLOS, Ana Fanni Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.
- DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fanni Alessandri. Um caminho para pensar os currículos de Geografia. In: CARLOS, Ana Fanni Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia*. São Paulo: Contexto, 1999, p.91-100.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- _____. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969.
- GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira; SILVA, Bárbara-Christine M. N. *Quantificação em Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1981.
- GONÇALVES, F. dos Santos. Interdisciplinaridade e construção coletiva do conhecimento: concepção pedagógica desafiadora. In: *Revista Educação e Sociedade*, nº. 49, Ano XV, Ed. PAPIRÚS, 1994, p. 468-484.
- GREENHALGH T., TAYLOR R. *How to read a paper: papers that go beyond numbers*. *BMJ*, 1997.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de Metodologia Científica*, 2ª ed. Revisada e ampliada, São Paulo, ATLAS, 1990.
- RAUBER, J. J. e SOARES, M. (coord.) *Apresentação de Trabalhos Científicos: Normas e Orientações Práticas*, 3ª ed., Passo Fundo, EDUPF, 2003.
- SILVA, Ana Maria Radaelli da. *Trabalho de Campo: prática andante de fazer Geografia*. *GEUERJ*: UERJ, Rio de Janeiro, nº 11, p. 61-74, 1/2002
- _____. *Sobre descontinuidades no ensino da geografia*. Passo Fundo: Clio, 2002.
- SILVA, Ana Maria Radaelli da; FIOREZE, Zélia Guareschi. Geografia, Ciência e ensino. *Boletim Gaúcho de Geografia*, nº 26. p. 9 – 21. Porto Alegre: AGB-PA, 2000.
- SOUZA, Eva Joelma Pires. *Boletim Gaúcho de Geografia: a produção do saber e da ciência geográfica na Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre*. Disponível em <<http://www.agbpa.com.br/TCCBoletimGauchodeGeografia.pdf>>, acesso em 17/05/2007
- UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. Plano Pedagógico do Curso de Geografia – Licenciatura e Bacharelado, 2001.

Recebido para publicação dia 10 de Abril de 2007

Aceito para publicação dia 18 de Maio de 2007